

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

KAROLINE RIBEIRO RODRIGUES

**AVALIAÇÃO DE LÍNGUA ADICIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA  
DISCUSSÃO NECESSÁRIA**

PORTO ALEGRE

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

KAROLINE RIBEIRO RODRIGUES

**AVALIAÇÃO DE LÍNGUA ADICIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA  
DISCUSSÃO NECESSÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em  
Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Simone Sarmiento

PORTO ALEGRE

2016

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, por ter batalhado sozinha durante tantos anos para criar três filhos. Esse trabalho também é teu! Amo-te!

À minha avó Flávia (in memoriam), que sempre me apoiou nos estudos e nas artes;

Aos meus irmãos Samantha e Nathaniel; à minha dinda Jac e ao meu tio Edson, que muito ajudaram no meu ingresso na UFRGS;

Aos meus amigos do grupo “Tretas” por darem tanta leveza, apoio e amizade durante esses longos anos da graduação. Um agradecimento especial aos meus amados Gustavo e Ágatha que fizeram, juntamente comigo, a transição da PUCRS para a UFRGS e estiveram comigo ao longo dos últimos oito anos. Agora é a última do trio se formando!

Ao meu namorado, Lucas, por tanto amor e incentivo há mais de dois anos.

À minha coordenadora pedagógica pelo apoio e pelas dicas e aos meus alunos por sempre me desafiarem e mostrarem que a educação vale a pena.

E, finalmente, agradeço à professora Anamaria Welp por ter me mostrado o caminho para realizar esse trabalho e à minha orientadora Simone Sarmiento por tê-lo encaminhado e o lapidado.

## RESUMO

Com o aumento da oferta de ensino de línguas adicionais nos primeiros ciclos da educação básica, percebe-se uma necessidade de discutir e aprimorar conhecimentos sobre a prática nesse estágio. A avaliação, que é uma prática comum em qualquer esfera da sociedade, também é parte dos primeiros anos escolares, mas não segue o padrão nos demais ciclos de Ensino Fundamental e Médio: em vez de provas e trabalhos valendo notas e/ou conceitos, temos pareceres descritivos, em que o aluno é observado e “avaliado” diariamente. Esse trabalho tem por finalidade refletir e discutir como a avaliação é realizada nessa etapa da Educação Infantil, como pode ser aproveitada no ensino de língua adicional e em que espaços o professor pode pesquisar sobre o tema. Pesquisamos em portais de periódicos e portais de educação voltados a professores de línguas adicionais e descobrimos que há uma discussão em aberto, mas pouco difundida ou aprofundada no tema.

**Palavras-chave:** Avaliação na Educação Infantil. Línguas adicionais na Educação Infantil. Avaliação de Línguas Adicionais.

## ABSTRACT

With the increase in the offer of additional language teaching in the first cycles of basic education, there is a need to discuss and improve the knowledge about this practice at this stage. Assessment, which is a common practice as any sphere of society, is also part of the first school years, but it does not follow the pattern in the other cycles of Elementary and Middle School: instead of tests and assignments for grades, we have descriptive feedbacks for the parents, in which the student is observed and "evaluated" daily. This work aims to reflect and discuss how assessment is carried out in this stage of Early Childhood Education, how it can be used in teaching additional languages and in which places the teacher can learn about this topic. We have researched newspaper portals and education portals for additional language teachers, and we have discovered that there is an open discussion, but not so widespread or in-depth discussion on the subject.

**Keywords:** Assessment in Early Childhood Education. Additional Languages in Early Childhood Education. Assessment of Additional Languages.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**LA**  
**PNEI**

**Língua Adicional**  
**Política Nacional da Educação Infantil**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA ADICIONAL PARA CRIANÇAS.....</b>	<b>9</b>
<b>2 AVALIAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<i>2.1 Tipos de Avaliação.....</i>	<i>12</i>
<i>2.2 Avaliação de Língua Adicional.....</i>	<i>14</i>
<b>3 AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>15</b>
<i>3.1 Avaliação mediadora.....</i>	<i>16</i>
<i>3.2 Avaliação formativa X Avaliação mediadora.....</i>	<i>16</i>
<b>4 AVALIAÇÃO DE LÍNGUA ADICIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM PORTAIS DE EDUCAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

A primeira oferta de trabalho na minha área de formação foi para lecionar Língua Inglesa em turmas de uma escola privada de educação infantil na zona norte de Porto Alegre para crianças de 3 a 6 anos de idade. Como eu estava buscando minha primeira experiência docente e dominava a Língua Inglesa, aceitei. Porém, assim que desliguei o telefone, as dúvidas surgiram: o que vou ensinar a essas crianças? E como vou fazer isso, já que o curso de Letras não tem como foco o ensino para crianças dentro desta faixa etária? Resolvi, então, pesquisar sobre o assunto na internet. Com essas turmas, pude adquirir experiência como professora e aprender a lidar com os pequenos.

No ano de 2015 recebi outra oferta, mas dessa vez foi diferente: lecionar para crianças em uma escola regular, atendendo turmas desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. Muitas dúvidas e inseguranças foram resolvidas até então, mas outras ainda permanecem. Sempre me pergunto se os exemplos que adquiri de meus professores de inglês enquanto aluna têm alguma validade para essas faixas etárias, assim como se a minha avaliação é justa e de acordo com as necessidades deles. Sei que minha forma de avaliar contempla os conteúdos trabalhados, mas seria só isso?

Resolvi, então, pesquisar sobre esse assunto no meu Trabalho de Conclusão de Curso para não só me ajudar a melhorar como profissional, mas, também, disponibilizar essa ajuda a colegas de profissão. Pretendo, com este trabalho, refletir sobre avaliação e analisar como a avaliação de língua estrangeira na educação infantil está sendo feita atualmente, investigando em documentos, artigos, livros e *websites* com conteúdo para o ensino nesse segmento da educação básica.

Como referencial teórico, utilizo principalmente dois autores: Cipriano Carlos Luckesi (2011), ao discutir a avaliação da aprendizagem e a história da avaliação, e as obras de Jussara Hoffmann (2011, 2013, 2015), para discutir a avaliação em Educação Infantil e refletir sobre a atuação dos professores na aplicabilidade de uma avaliação com mais inclusão e acompanhamento da aprendizagem dos alunos.

Ao final do trabalho, pretendo oferecer subsídios para uma reflexão sobre formas de realizar avaliações mais completas e justas assim como sobre as diferenças de avaliar uma criança de um adolescente e/ou de um adulto e como aplicar esse conhecimento em minhas aulas de Língua Inglesa.

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA ADICIONAL PARA CRIANÇAS

Antes mesmo de pensar em avaliação para os anos iniciais do Ensino Fundamental, é preciso considerar as razões para se ensinar outras línguas para essa faixa etária e de que forma esse ensino é feito. Considerando as maturações e os processos por que os educandos estão passando nos seus primeiros anos de vida, é importante salientar que teorias recentes citadas por Pires (2001) trazem a importância da escolarização nos anos iniciais, uma vez que há ganhos nos desenvolvimentos intelectual e emocional da criança. Hoffmann (2015) mostra que crianças até os seis anos de idade já adquirem conhecimento de mundo a partir de tudo que as rodeia e, como estímulo para um pleno desenvolvimento moral e intelectual, as oportunidades oferecidas em educação exercem um importante papel nesse amadurecimento.

Outro fator é que vivemos em um mundo globalizado, e muitos pais buscam escolas que ofereçam diferenciais em seus currículos. Uma vez que saber uma língua adicional<sup>1</sup> pode, futuramente, abrir muitas portas no mercado de trabalho (PARANÁ, 2008, p. 56), as escolas privadas passaram a oferecer diversas disciplinas especializadas para seus alunos, começando já na Educação Infantil. Em geral, as disciplinas oferecidas são Música, Educação Física, Artes e uma LA, sendo mais comum a Língua Inglesa.

É importante ressaltar, também, que principalmente escolas privadas e cursos de idiomas em Porto Alegre oferecem o ensino de LAs para essa faixa etária atualmente (FORTE; SELBACH; SARMENTO, 2015). Entretanto, Hoffmann (2015) aponta que é muito importante oferecer oportunidades de atendimento educacional às crianças já no início da escolarização, para assim contribuir para plenos desenvolvimentos moral e intelectual.

Forte, Selbach e Sarmento (2015) citam que a Política Nacional da Educação Infantil (PNEI, 2006) afirma que o professor atuante na Educação Infantil tem uma identidade importante para a formação da criança, assim como a família. Considerando que a formação de um profissional para atuar na Educação Infantil é contemplada nos cursos de Pedagogia, muitas vezes um professor sem essa graduação não sabe preparar uma aula para crianças. Em sua dissertação, Pires (2001) esclarece:

---

<sup>1</sup> A escolha por “Língua Adicional” em vez de “Língua Estrangeira” ou outros termos alusivos dá-se pela reflexão trazida por Schlatter e Garcez (In: RIO GRANDE DO SUL, 2009) de que, hoje, as línguas são um acréscimo ao conhecimento que o aluno já carrega, incluindo outras línguas de seu repertório. Muitas línguas, principalmente inglês e espanhol, são necessárias na nossa sociedade, não apenas línguas estrangeiras, e tratá-las por línguas adicionais é convidar o aluno a participar dessa sociedade.

(...) antes dos seis anos de idade, o ensino de língua estrangeira envolve riscos. Quando a professora é especialista na língua, mas não tem experiência com educação infantil, a criança pode desenvolver aversão à língua estrangeira por não gostar das aulas. (p.4)

Isso pode ser muito comum de ocorrer: o professor, sem ter muita noção de como lidar com os pequenos em sala de aula, acaba realizando planejamentos com atividades muito longas, que os cansam com muita facilidade e resultam em aulas malsucedidas; a escolha do material utilizado em aula também é muito importante: o uso de *flashcards* na Educação Infantil foi problematizado por Selbach (2014) em sua dissertação. Segundo ela, utilizar *flashcards* com turmas de educação infantil pode não ser tão eficaz quanto usar bonecos ou fantoches, ou seja, materiais que não utilizem apenas duas dimensões. O PNEI também indica que todos os profissionais que atuam na Educação Infantil devem ter formação adequada para suas funções.

Ao considerar esses fatores, a avaliação nessa fase pode vir a se tornar mais uma complicação: No Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº. 9.394/96), parágrafo 5, é estabelecido que o ensino de Língua Inglesa seja ofertado a partir do sexto ano do ensino fundamental em escolas públicas; uma vez que os profissionais desse segmento da educação básica utilizam, em sua maioria, a avaliação classificatória - em que os instrumentos de avaliação envolvem notas e conceitos a partir de exercícios envolvendo a língua escrita-, como esse mesmo profissional, ao trabalhar com a Educação Infantil, poderia avaliar esses alunos sabendo que as crianças ainda não são alfabetizadas e a avaliação é feita mediante pareceres descritivos? Procuo responder essa questão nas próximas seções.

## 2. AVALIAÇÃO

No dicionário Aurélio (1993), a palavra Avaliação é definida da seguinte forma: “1- Ato ou efeito de avaliar; 2-Valor determinado pelos avaliadores”. Essa segunda definição remete ao modelo clássico de avaliação e mais praticado por professores: a avaliação classificatória (ou somativa). Essa forma de avaliação é aquela em que o professor examina os alunos com certa periodicidade (ao final de um conteúdo, ao final de um bimestre/trimestre etc.), utilizando testes e até outros instrumentos, e o aluno recebe uma nota (ou valor) baseada em suas respostas, resultando, assim, em uma indicação de que o aluno aprendeu ou não determinado conteúdo (OLIVEIRA, 2015).

Segundo Luckesi (2011), a prática de exames escolares foi sistematizada nos séculos XVI e XVII e ainda hoje é amplamente utilizada em nossas escolas. Apesar de termos os exames e testes como algo normal e esperado nas instituições de ensino, simplesmente por conta do nosso senso comum, essa forma de avaliação é excludente, uma vez que pode não contemplar todo o conhecimento do aluno na disciplina e não leva em conta fatores e imprevistos que podem ocorrer na vida do aluno no dia da “prova”.

Na década de 30, o educador Ralph Tyler propôs que se refletisse sobre uma avaliação da aprendizagem, em que os educadores avaliassem como a aprendizagem de seus alunos estava ocorrendo e quais eram as suas necessidades nesse campo, uma vez que o número de reprovações era muito superior ao de aprovações nas escolas. Ele, então, criou o “ensino por objetivos”, no qual os educadores seguiriam o seguinte sistema interpretado por Luckesi (2011):

“(1) ensinar alguma coisa, (2) diagnosticar sua consecução, (3) caso a aprendizagem fosse satisfatória, seguir em frente, (4) caso fosse insatisfatória, proceder a reorientação, tendo em vista obter o resultado satisfatório, pois esse era o destino da atividade pedagógica escolar.” (p. 28)

Seguindo esse sistema, o professor faria uma importante reflexão sobre a forma que está ensinando, como e o quê os alunos estão aprendendo e como melhorar o processo de aprendizagem dos estudantes, traçando uma meta de aprendizagem desde o início, um diagnóstico desse caminho e uma avaliação desse planejamento, fazendo o professor refletir sobre a forma que está levando as suas aulas. Na teoria, parece ser muito simples e justo, mas Luckesi ressalta que, mesmo após 80 anos, a proposta de Tyler ainda não tem vigência nos meios educacionais, o que gera uma grande dificuldade em se diagnosticar com clareza a

maneira com que os nossos alunos estão aprendendo e quais medidas tomar para aprimorar esse aprendizado.

### ***2.1 Tipos de Avaliação***

Oliveira (2015) apresenta, de forma clara e objetiva, outras classificações de avaliação trazidas por Romão (2005), que listo no quadro abaixo:

Quadro 1. Tipos de Avaliação

Avaliação formativa	Ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem com o intuito de indicar falhas no próprio processo e dar informações sobre a aprendizagem dos alunos.
Avaliação diagnóstica	Permite que o professor saiba em que nível cognitivo está seu aluno, qual seu grau de conhecimento, para, desse modo, determinar quais as melhores atividades ou quais atividades promoverão um avanço cognitivo.
Avaliação mediadora	Acompanha o processo de ensino e aprendizagem. Seu diferencial é permitir que haja o debate entre professor e aluno para que a própria avaliação seja revista e ajustada ao processo.
Avaliação emancipatória	Permite que se revejam os programas educacionais e sociais, promovendo a emancipação de uma determinada realidade escolar.
Avaliação dialógica	Baseada nos ideais de Paulo Freire, tem como fundamentos a democratização, a transdisciplinaridade e a pluralização.

Avaliação somativa ou tradicional <sup>2</sup>	Ocorre ao final de cada etapa (tema, conteúdo, unidade didática) com o intuito de verificar se o aluno aprendeu. Feita por amostragem, ela atribui uma numeração equivalente ao percentual de aprendizagem.
--	---

Fonte: A autora. Adaptado de Oliveira (2011, página 158).

Na obra, Oliveira ressalta que é importante aproveitar um pouco de cada tipo de avaliação na nossa rotina em sala de aula. Creio que isso pode ser possível, mas há empecilhos na rotina do professor que podem dificultar esse “esforço”. Cito, como exemplo, a “avaliação diagnóstica”: ela sugere que o docente faça um diagnóstico de cada aluno para traçar metas de aprendizagem; como seria esse diagnóstico no trabalho de professores que trabalham com um grande número de alunos todas as semanas, em várias escolas? Será que esse diagnóstico não seria viável apenas a professores que não têm tanta demanda de trabalho? Creio que, na prática, seria um trabalho exaustivo para professores que atendem muitas turmas e enfrentam diversas burocracias. Além disso, alguns tipos de avaliação do quadro são limitados, uma vez que, pelas suas definições, não contemplariam todo o período letivo. Um último fator seria que a gestão da escola, os pais e os estudantes podem criticar mudanças na forma de avaliação, uma vez que a avaliação classificatória é a forma clássica de avaliação das escolas.

Como já discutido anteriormente, a última modalidade de avaliação do quadro é, por um lado, a mais comum e, por outro, a mais criticada por estudiosos e por professores em atividade nas escolas; apesar disso, pouca mudança realmente se efetiva na hora de avaliar os alunos, uma vez que a demanda de trabalho dos professores é grande e a praticidade de “medir” os conhecimentos por meio de notas é a saída mais fácil, já que a burocracia que envolve o trabalho do educador acaba abrindo espaço para essa forma de agir e de avaliar. Mas será que os professores que assim trabalham realmente avaliam os alunos? Ou apenas os examinam? Ao diferenciar o examinador do avaliador, Luckesi (2011) esclarece:

“(…) o ato de examinar se caracteriza, especialmente (ainda que tenha outras características) pela *classificação* e *seletividade* do educando, enquanto que o ato de avaliar se caracteriza pelo seu *diagnóstico* e pela *inclusão*.” (p.29, grifos do autor).

<sup>2</sup> Alguns autores das obras consultadas para o trabalho nomearam esse tipo de avaliação como “Avaliação Classificatória”. Para uma uniformização de nomenclatura, escolhi utilizar “Avaliação Classificatória” em vez de “Avaliação Somativa ou Tradicional”.

Ou seja, o ato de avaliar não pode ser confundido com o de examinar, pois um professor que avalia seus alunos sabe das diferenças e das dificuldades de cada um e adapta sua avaliação para contemplar essas variantes.

Hoffmann (2011) aponta que quando há um acompanhamento verdadeiro dos caminhos que os alunos trilham, é muito difícil querer estabelecer parâmetros para comparar as experiências, já que cada indivíduo passa por situações e por aprendizados muito ricos e singulares. Então, por mais que tenhamos a avaliação como algo inerente (SCHLATTER, 2012), e que isso seja um hábito em várias esferas da sociedade (HOFFMANN, 2011), faz-se necessário que cada professor repense sua forma de avaliar seus alunos, independentemente do ano escolar em que se encontrem ou disciplina que lecionem. Afinal, saber avaliar a própria forma de avaliar e modificá-la conforme as necessidades dos alunos são competências necessárias do professor e, como já dito: “cuidar que o aluno aprenda mais e melhor todos os dias: isso é avaliar” (HOFFMANN, 2013).

## ***2.2 Avaliação de Língua Adicional***

Ao pesquisar autores que tratassem da avaliação em línguas adicionais, encontrei, na maioria, textos e pesquisas tratando de avaliação para os alunos já letrados e iniciados no aprendizado de uma nova língua. Harmer (2007) traz as características que a aula para crianças deve conter para ser mais interessante para a idade, uma vez que difere das aulas voltadas a adultos; ele diz que as salas devem ser mais coloridas e estimulantes, com grandes janelas, e o professor deve sempre estar preparado para modificar a aula com atividades diferenciadas, uma vez que o tempo de atenção da criança é mais curto.

Brown (1994) também cita a espontaneidade com que a criança lida com línguas e aquelas com que está aprendendo, diferindo do adulto, que presta mais atenção em detalhes e tem pensamento mais abstrato. Na parte de avaliação, entretanto, ele discute a diferença dos termos *test* – teste, em uma tradução livre- e *assessment* – correspondente à avaliação. O *test* seria uma “medição” a partir de critérios pré-estabelecidos, do que o aluno teria a oferecer e que ele sabe que suas respostas estão sendo avaliadas. O *Assessment* teria mais participação do professor e é muito parecido com o *test*, mas diferem em um ponto: o professor avalia o aluno com mais frequência, e não em períodos pré-determinados; segundo suas palavras:

“For optimal learning to take place, students must have the freedom in the classroom to experiment, to try out their own hypotheses about language without feeling that their overall competence is being “judged” in terms of these trials and

errors. (...) Teaching sets up the practice games of language learning: the opportunities for learners to listen, think, take risks, set goals, and process feedback from the coach and then recycle through whatever it is that they are trying to set in place.” (p.402)<sup>3</sup>

Ou seja, para otimizar o aprendizado, o aluno precisa ter liberdade para experimentações em sala de aula, precisa sentir a segurança de que sua capacidade linguística não está sendo “julgada” sem segundas chances. O aluno, assim, pode correr riscos, e com o auxílio do professor, entender o que está acontecendo e melhorar suas habilidades, através de um diálogo sincero entre professor e aluno. Essa reflexão sobre as diferenças de avaliação e avaliação formativa será tratada na próxima seção.

### 3. AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo o Artigo 31 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a avaliação na educação infantil “far-se-á mediante **acompanhamento e registro** do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (grifo meu). Pode-se afirmar que se estabelece uma diferença entre a avaliação da educação infantil, baseada no desenvolvimento do aluno, e a avaliação no Ensino Fundamental/Médio, que é classificatória. Luckesi (2011) diz que as crianças passam por dois momentos diferentes ao sair das séries iniciais e entrar nas séries finais do Ensino Fundamental: nos primeiros anos, há um investimento no processo, em que elas comentam sobre o que aprenderam na escola; nas séries finais, há um investimento no produto, em que elas mudam o discurso e falam sobre as notas nos trabalhos e nas provas que fizeram.

Nas escolas, o parecer descritivo foi adotado como meio de registro de avaliação no segmento: o(a) professor(a) descreve o desenvolvimento do aluno a partir de critérios preestabelecidos, seja por ele(a) ou pela coordenação da instituição. Em sua obra denominada “Avaliação e Educação Infantil”, Hoffmann (2015) alerta que os professores da Educação Infantil não devem chamar seu processo avaliativo de “avaliação”, mas sim de “processo de acompanhamento”, dado que são registros utilizados como instrumentos para avaliar os discentes.

---

<sup>3</sup> Tradução da autora: “Para que o aprendizado ocorra, os alunos devem ter liberdade na sala de aula para experimentar, testar suas próprias hipóteses sobre a linguagem, sem sentirem que suas competências estão sendo “julgadas” em termos desses testes e erros. (...) O ensino estabelece a prática da aprendizagem de línguas: as oportunidades para que os alunos possam ouvir, pensar, assumir riscos, estabelecer metas e processar o retorno do treinador e depois ‘reciclar’ essas informações através do que quer que estejam a tentar estabelecer”.

### ***3.1 Avaliação mediadora***

Hoffmann (2015) disserta sobre o termo que desenvolve desde 1981, em que a postura mediadora do professor é a que faz diferença na avaliação; segundo suas pesquisas, sem o estímulo e o desafio do professor, a criança não construirá os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento. Ela ressalta, também, que:

“avaliar não é fazer um ‘diagnóstico de capacidades’, mas acompanhar a variedade de ideias e manifestações das crianças para planejar ações educativas significativas. Parte de um olhar atento do professor, um olhar estudioso que reflete sobre o que vê, sobretudo um olhar sensível e confiante nas possibilidades que as crianças apresentam”. (p.30)

Portanto, o professor exerce um papel fundamental na vida da criança, uma vez que o seu olhar pode englobar o processo de aprendizagem e o contexto no qual as crianças estão inseridas, em que essa última característica traz vantagens e a possibilidade de melhorias de resultados em sala de aula.

### ***3.2 Avaliação Formativa X Avaliação mediadora***

Segundo a autora, muitos profissionais interpretam ou utilizam as observações de aula para atribuir notas parciais para um determinado período letivo, e raramente são utilizadas para repensar o fazer pedagógico. Essa prática vai ao encontro da avaliação classificatória, com a crença de que se está praticando uma avaliação formativa. Como já dito, a avaliação mediadora está ligada à Formativa, pois utilizam a mesma base. A diferença está na palavra “mediadora”, em que

“a intenção do avaliador não é a de ver, justificar, explicar o que o aluno ‘alcançou’ em termos de resultados de aprendizagem, mas a de desafiar todos os alunos continuamente a ir adiante, a avançar, confiando em suas possibilidades e oferecendo-lhe, sobretudo, o apoio pedagógico adequado”. (p.103)

Em outras palavras, pode-se afirmar que mediação é diálogo e desafios ao longo do processo educativo; é ir além da avaliação formativa, em que o professor acompanha o aluno e interpreta seu desenvolvimento; na avaliação mediadora, o professor busca entender o aluno também na forma com que ele lida com os outros e como é o seu processo de aprendizagem,

para assim ajudá-lo a superar suas dificuldades e necessidades.

Hoffmann (2013) traz a diferença entre essas duas classificações de avaliação em sua literatura. A avaliação formativa, como já apresentada anteriormente, ocorre durante todo o processo de ensino aprendizagem e há uma troca com o aluno sobre esse processo. A avaliação mediadora utiliza os fundamentos da formativa, mas há uma diferença que é o papel mediador do professor, que já está no próprio termo que a nomeia.

Apresento, a seguir, um quadro com sugestões de objetivos a serem seguidos pelo professor durante o seu processo de acompanhamento do desenvolvimento dos alunos:

#### Quadro 2. Objetivos no processo de acompanhamento do desenvolvimento dos alunos

- a) manter uma atitude curiosa e investigativa sobre as reações e manifestações das crianças no dia a dia da instituição;
- b) valorizar a diversidade de interesses e possibilidades de exploração do mundo pelas crianças, respeitando sua identidade sociocultural;
- c) proporcionar-lhes um ambiente interativo, acolhedor e alegre, rico em materiais e situações a serem experienciadas;
- d) agir como mediador de suas conquistas, no sentido de apoiá-las, acompanhá-las e favorecer-lhes desafios adequados aos seus interesses e possibilidades;
- e) fazer anotações diárias sobre aspectos individuais observados, de forma a reunir dados significativos que embasem o seu planejamento e a reorganização do ambiente educativo.

Fonte: A autora. Adaptado de Hoffmann(2015, p.31).

Neste quadro, temos dicas de como avaliar os alunos da Educação Infantil de forma que as reflexões anteriores sejam postas em prática. Mas como isso se aplicaria nas aulas de Língua Estrangeira? O que foi colocado no quadro, segundo a autora, é o princípio de uma avaliação mediadora, em que o professor pode fugir de fichas de avaliação padronizadas e acabar realizando uma avaliação mais completa e não classificatória. Ela encoraja o professor a fazer anotações, registrando o que observa em suas aulas, pois assim fica mais fácil refletir sobre o próprio trabalho, suas evoluções e posturas pedagógicas:

“O conjunto desses registros revela a dimensão qualitativa do seu agir pedagógico, de suas concepções e posturas de vida, possibilitando aos supervisores e diretores, responsáveis por ações de qualificação profissional, serem os mediadores do seu

aperfeiçoamento e de sua prática pedagógica, podendo também ser mediadores da dinâmica da sala de aula em toda a sua intensidade.” (p. 112)

Ou seja, os registros realizados pelo docente são, também, uma troca com a comunidade escolar, pois dá a oportunidade de participação de toda a equipe pedagógica da escola, tanto na formação do professor, quanto na sua prática em sala de aula.

#### 4. AVALIAÇÃO DE LÍNGUA ADICIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM PORTAIS DE EDUCAÇÃO

Nessa seção, farei um levantamento na literatura sobre o assunto. Os termos buscados foram: “avaliação educação infantil”, “avaliação de língua estrangeira na educação infantil”, “assessment very young learners” e “avaliação de língua adicional educação infantil”. Uma vez que não encontrei trabalhos acadêmicos sobre o tema que nomeia este trabalho<sup>4</sup>, pesquisei sobre a avaliação na Educação Infantil em *websites* e portais de educação, por serem os locais de mais fácil acesso a professores que busquem sobre o assunto e também para mostrar a necessidade de mais estudos sobre o tema. Diversos artigos e trabalhos foram encontrados nesses *websites*, mas nenhum realmente tratava do assunto: ou tratavam de avaliação de língua ou de avaliação para crianças; nunca traziam a avaliação de LA para as crianças em idade pré-escolar.

Passamos, então, para os portais de educação. Os 3 *websites* pesquisados foram os seguintes: *Cambridge English: Language Assessment*; “*Learn English Kids*”-*British Council* e *One Stop English – Macmillan Publishers*.

O primeiro *website* (*Cambridge English: Language Assessment*) é um portal para quem busca informações sobre os testes de proficiência oferecidos pela Cambridge, portanto, não encontrei artigos ou textos discutindo sobre avaliação em sala de aula. O *website* traz diretrizes que ensinam os professores a prepararem seus alunos para esses testes, mas nenhum deles é direcionado para crianças não alfabetizadas.

Já no *Learn English Kids*, foram encontrados dois artigos tratando sobre o assunto que poderiam ser de interesse de professores de Educação Infantil; o primeiro, intitulado “*Inclusive assessment approaches to learning in the English Language Classroom – I’m a teacher not a psychologist!*”, discute sobre a inclusão de alunos deficientes na sala de aula e no processo avaliativo. O texto dá dicas para o professor identificar possíveis sinais que alunos que necessitam desse olhar diferenciado demonstram, geralmente ocorrendo em mais de uma situação, como um padrão de comportamento, e não em situações isoladas. A autora, entretanto, reforça que professores não fazem -e não devem fazer- diagnósticos dos alunos, mas sim observá-los e conhecê-los a ponto de identificar essas diferenças, para assim estudarem maneiras de atender esses estudantes de uma forma adequada e, se necessário, em conjunto com profissionais que realizarem os diagnósticos específicos em relação a esses

---

<sup>4</sup> Pesquisa realizada no Portal de Periódicos da Capes e no Repositório Digital da UFRGS durante o ano de 2016.

alunos.

O artigo dialoga com as características da avaliação mediadora defendida por esse trabalho, uma vez que observar os alunos e buscar formas de atendê-los e proporcionar um bom aprendizado são pressupostos para avaliá-los com esse viés pedagógico. Um último ponto de análise para esse texto é que ele não é direcionado a alunos de educação infantil quando realmente fala sobre a avaliação para esses alunos, pois trata de avaliações que envolvem escrita e exames padronizados, que não é a forma de avaliação na educação infantil. Afirmando, portanto, que ele serve como reflexão para um ensino inclusivo, mas não discute a avaliação na educação infantil.

O segundo artigo encontrado no portal é o “*Assessment for learning*”, em que a autora diferencia *Assessment of Learning* – “Avaliação do Aprendizado”, numa tradução livre- de *Assessment for Learning* – “Avaliação para o aprendizado”. O primeiro seria uma avaliação de atividades realizadas pelos alunos em determinados períodos de tempo, o que geralmente seria ao final de um curso ou ano letivo, e teria a intenção de aprovar ou reprovar por meio de notas ou conceitos. O segundo termo seria uma avaliação contínua do desenvolvimento do aluno, em que o professor encoraja os alunos a serem protagonistas de seus aprendizados e a se sentirem seguros e confiantes para continuar aprendendo fora do ambiente escolar. O *Assessment for Learning* enfatiza o progresso do aluno, e não as falhas.

Entendo que, a partir desses conceitos, pode-se fazer uma analogia com a avaliação classificatória no *Assessment of Learning* e avaliação formativa (ou até mesmo a mediadora) no *Assessment for Learning*. A autora do artigo, Deborah Bullock, traz estudos realizados por pesquisadores britânicos que mostraram como a avaliação formativa traz benefícios aos estudantes e os estimula positivamente. Nesse artigo não há especificação de estágio do ensino que pode ser aplicado, então, subentende-se que vale para qualquer série/ano ou contexto educativo em que o professor atue.

O último artigo é o “*Assessment matters: assessing young learners*”, do *One Stop English*. Esse artigo trata da visão que os alunos das séries iniciais têm sobre avaliação e seus desdobramentos, mas não contempla a visão dos alunos que ainda estão na educação infantil, uma vez que eles, muitas vezes, não sabem o que é avaliação e o que encontrarão nos anos seguintes. Esse artigo defende que a experiência que os alunos tiveram anteriormente com avaliações podem ser vistas nos anos decorrentes, principalmente se eles têm consciência dos conceitos de “ir bem” e “ir mal” na escola. Isso poderia ir ao encontro da reflexão trazida por Luckesi (2011) já discutido anteriormente, em que a visão que os alunos têm no decorrer dos anos escolares muda conforme as situações avaliativas em que eles foram expostos durante

esse período.

Para encerrar essa seção, apresento um quadro comparativo dos textos encontrados nos *websites* anteriores:

Quadro 3. Artigos sobre avaliação nos *websites* pesquisados

Website:	Título do texto	Informações encontradas e utilidade para o tema do trabalho
<i>Cambridge English: Language Assessment</i>	-	Apenas informações sobre testes de proficiência e treinamento para professores. Não há utilidade para professores que busquem sobre avaliação na Educação Infantil.
<i>“Learn English Kids”- British Council</i>	1- <i>“Inclusive assessment approaches to learning in the English Language Classroom – I’m a teacher not a psychologist!”</i> 2- <i>“Assessment for learning”</i>	1- Avaliação inclusiva. Serve para refletir sobre a inclusão em sala de aula e a inclusão na avaliação. 2- Não é especificamente para a prática avaliativa na Educação Infantil, mas tem muita utilidade para refletir sobre avaliação classificatória e avaliação mediadora.
<i>One Stop English – Macmillan Publishers</i>	<i>“Assessment matters: assessing young learners”</i>	Visão de alunos das series iniciais sobre avaliação. Não trata sobre a avaliação na educação infantil, mas serve para reflexão e estudo do professor.

## 5. CONCLUSÃO

Vimos que a avaliação, historicamente, segue um padrão de testes e “medições” na nossa sociedade. Na Educação Infantil, entretanto, esse tipo de avaliação é substituído por um acompanhamento de desenvolvimento do aluno e transformado em um parecer descritivo, em que os professores relatam sobre esse desenvolvimento sem a necessidade de “classificar” os alunos e aprová-los, ou não, para o ano seguinte.

Há inúmeras classificações e tipos de avaliação de estudiosos, mas raramente são adotados pelos professores, seja por falta de conhecimento sobre elas, ou pela praticidade de “medir”, uma vez que muitos docentes trabalham em mais de uma escola e são responsáveis pela avaliação de um grande número de alunos. Quanto à avaliação na Educação Infantil, vimos que a chamada “Avaliação Mediadora” seria a mais interessante para o segmento, uma vez que o professor não faz apenas um acompanhamento personalizado, mas também desafia e exerce um papel diferenciado durante o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Pode-se afirmar que a avaliação de línguas adicionais para esse segmento ainda precisa de muita discussão e de muitos estudos, pois a cada dia cresce mais a demanda de profissionais para esse ciclo. Muitas vezes, estes profissionais iniciam o trabalho na Educação Infantil sem uma base adequada, tanto para planejar e ministrar as aulas quanto para acompanhar o desenvolvimento de seus alunos, que é bem diferente do processo encontrado nos ciclos finais da educação básica. Pode-se afirmar, também, que a “avaliação”, de um modo geral, precisa ser mais discutida entre os futuros professores na academia, para que velhos hábitos, muitas vezes inadequados, não se perpetuem, e a educação seja mais voltada para o desenvolvimento pessoal e integral do discente e menos para números e conceitos.

Quanto ao meu aprendizado sobre avaliação, posso concluir que avaliar um aluno, independentemente da fase escolar que ele esteja, requer um acompanhamento inclusivo e personalizado, e não uma avaliação limitada apenas a um teste ou trabalho para classificá-lo como apto ou inapto. Na minha prática atual, sigo um modelo de avaliação da instituição na qual atuo, mas me questiono diariamente como posso melhorar meu processo avaliativo que é materializado em meus pareceres. Creio, também, que para um acompanhamento mais justo, completo e eficaz, seria importante trabalhar em conjunto com os professores regentes das turmas de educação infantil, bem como possibilitar a todos os educadores envolvidos com cada criança uma leitura completa de seus pareceres descritivos para que esses educadores possam ter a visão do acompanhamento integral daquele alunos.

Apresento, agora, um quadro com os pontos que pretendo utilizar na minha prática

avaliativa após esse estudo. Ressalto que não acredito em fórmulas ou manuais definitivos para uma boa avaliação, mas sim em constantes discussões com colegas e revisões de possíveis parâmetros para realizar um trabalho mais justo e inclusivo com o aluno. Portanto, o quadro abaixo se refere a uma reflexão que fiz durante a escrita desse trabalho com pontos que considero importantes ao lecionar na educação infantil e ao avaliar, depois, os alunos desse segmento.

#### Quadro 4. Pontos para reflexão no ensino e na avaliação de LA na Educação Infantil

- 1- Sempre respeitar e levar em conta o conhecimento de mundo do aluno e suas bagagens cultural e familiar ao avaliá-lo;
- 2- Fazer trocas com os demais professores desses alunos sobre o desenvolvimento da turma e, se necessário, fazer trocas sobre alunos que de alguma forma necessitem de uma atenção especial (seja por comportamento, atitudes ou outros pontos que podem comprometer o aprendizado ou apontar outros cuidados que requeiram atenção do professor regente e da supervisão da instituição);
- 3- Sempre buscar novos conhecimentos sobre o desenvolvimento da criança e suas necessidades educacionais e levar essas características em conta nas aulas e na avaliação;
- 4- Ouvir e respeitar as opiniões dos alunos e suas preferências. Independentemente da idade, eles sempre têm algo a dizer e sabem o que querem, e essa atenção pode fazer uma grande diferença ao planejar uma aula envolvendo LAs e os possíveis “bloqueios” no aprendizado; utilizar essas observações para os futuros planejamentos;
- 5- Sempre incentivá-los a superarem seus medos e inseguranças na LA, respeitando o tempo de aprendizado e de segurança de cada um, para assim resultar em alunos mais interessados e dispostos a aprender o que queremos ensiná-los.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. (1996) **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em 6 de dezembro de 2016.
- BROWN, H. Douglas. **Teaching by principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy**. Longman: 1994.
- BULLOCK, Deborah. **Assessment for learning**. In: TeachingEnglish – British Council/BBC. Disponível em <<<https://www.teachingenglish.org.uk/article/assessment-learning>>> acesso em 15 de novembro de 2016.
- DELANEY, Marie. **Inclusive assessment approaches to learning in the English Language Classroom – I’m a teacher not a psychologist!**. In: TeachingEnglish – British Council/BBC. Disponível em <<<https://www.teachingenglish.org.uk/article/inclusive-assessment-approaches-learning-english-language-classroom-%E2%80%93-i%E2%80%99m-a-teacher-not-a>>> acesso em 15 de novembro de 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FORTE, Janaína da Silva; SELBACH, Helena Vitalina; SARMENTO, Simone. *Saberes esperados de um professor de Língua Adicional na Educação Infantil*. In: **Seminário Internacional de educação / Anais do XX SIEDUCA (livro eletrônico): saberes, alegria e convivência: a reinvenção da escola**. Cachoeira do Sul, 23, 24 e 25 de Setembro de 2015. Organizado por Joe Garcia; Silvia Maria Barreto dos Santos e Lisane Félix Veloso. - Cachoeira do Sul: Inbooks, 2015.
- HARMER, Jeremy. **The practice of English Language Teaching**. Longman: 2007.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**. 14.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013
- \_\_\_\_\_. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 20.ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- OLIVEIRA, Iara de. **Didática e metodologia de ensino de língua portuguesa e literatura**. Indaial: UNIASSELVI, 2015.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica: língua estrangeira moderna**. Paraná, 2008.
- PIRES, Simone Silva. **Vantagens e desvantagens do ensino de Língua Estrangeira na Educação Infantil: um estudo de caso**. 2001. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da

Linguagem). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo; Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro de Moraes. **Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em Inglês**. Erechim: Edelbra, 2012.

SELBACH, Helena Vitalina. **Do ideal ao possível: The Crazy Car Story: um relato interpretativo de um projeto em língua inglesa na educação infantil**. Disponível em: <<<http://hdl.handle.net/10183/102188>>> acesso em 15 de novembro de 2016.

TENNANT, Adrian. **Assessment matters: assessing young learners**. In: One Stop English. Disponível em <<<http://www.onestopenglish.com/exams/assessment-matters/assessing-young-learners/>>> acesso em 15 de novembro de 2016.

**THE start of a child's language learning journey**. In: Cambridge English: Language Assessment. Disponível em <<<http://www.cambridgeenglish.org/exams/young-learners-english/starters/>>>. Acesso em 15 de novembro de 2016.